

5 “Lares Provisórios” – na beira-mar onde vou e vou ... esvai (por L.Cavas com Os Movimentos de Eululyos e a Brisa do Voador-Andarilho Vladimir Corvo)

5.1. Aberturas e Tremores Arejantes

Beira do mar, lugar comum / Começo do caminhar / Pra beira de outro lugar / Beira do mar, todo mar é um / Começo do caminhar / Pra dentro do fundo azul / A água bateu, o vento soprou / O fogo do sol, O sal do senhor / Tudo isso vem, tudo isso vai / Pro mesmo lugar de onde tudo sai.

Lugar Comum, música de Gilberto Gil e João Donato

Glauber Rocha filmava com o corpo. Sua energia movimentava a cena. O gesto, influência teatral de Brecht. Quero pensar na ação do artista latinoamericano que se desloca no mundo contemporâneo. Para isso, apporto nas intervenções glauberianas na tv como parte do programa da Rede Tupi, o “Abertura”, que foi ao ar no final da década de 70. Almejando a polifonia, Glauburu mudava o curso do discursos, tanto o dele mesmo quanto o do entrevistado, numa espécie de “antientrevista”. Como instrumento da linguagem usava seu próprio corpo, atingindo a sensibilidade do espectador. A câmera e os cenários desconcertavam o espectador que era desafiado a co-participar dos 5 minutos de programa. As intervenções eram ao vivo e se baseavam na interação entre o cineasta e o seu personagem-entrevistado. (Cf. Mota, 2001)

Hoje, o cenário parece desfavorável para a intervenção política. Como exemplo do multiculturalismo brasileiro, celebrado pela mídia – quase que monopolizada pelo padrão Globo de qualidade –, lembro a roda formada no centro do campo de futebol, após a vitória acachapante do Brasil sobre a Argentina, pela Copa das Confederações. Lá no meio, o peito retumbante gritava o Pai Nosso e a tv intercalava imagens dos jogadores fiéis e da torcida, onde se encontravam mulheres vestidas de índias e mulatas sambando ao batuque que a essa altura tomava conta do estádio. Tudo isso recheado com os comentários do Galvão Bueno. O locutor anuncia o Brasil da diversidade, do futebol e do samba forte. Celebração ufanista puxada pelo camisa 10 da seleção. Nesse instante, o

conflito diário advindo da pobreza se perde? Na canção de Zé Kéti um aviso: “o favelado sorri, mas o favelado tem fome”. Nas palavras de Said, um esclarecimento sobre o cenário globalizado e o poder da mídia principal:

Uma meia dúzia de enormes multinacionais presididas por um punhado de homens controlam a maior parte do suprimento mundial de imagens e notícias. Em contrapartida, há os intelectuais independentes que de fato formam uma comunidade incipiente, fisicamente separados uns dos outros, mas conectados de várias formas a comunidades de ativistas relegados pela mídia principal. (Said, 2003, p. 33)

Através das glauberianas e sua abundância de imagens, palavras, giros e gestos, enfim, da profusão de signos, os espectadores co-participam do programa que vai-se construindo, num deslocar-se. A resistência a essa “mídia principal” vai se inventando com o programa rápido. Aliás, “a rapidez é uma faca de dois gumes. Existe a rapidez do estilo redutor que cria a *sloganização*. [...] e há a rapidez de resposta e formato expansível”. Buru, me parece, produz a segunda “rapidez”, meio de que se serve no intuito de “apresentar uma expansão mais completa de um ponto de vista alternativo” (*Idem*).

À beira-mar, encontro e re-encontro o caboclo Beira-Mar. Lá onde é lugar comum, onde me preparo para o caminhar até outra beira-mar – deslocamento-viagem. Até o fundo azul – perfuração. Transversalidades que levam ao lugar de onde tudo sai, onde a água bate, o vento sopra e o fogo do sol faz arder o corpo. À noite me lanço no mar que serenou. De um lado a outro. O computador não permite os traços e pinceladas abstratas da escrita. Todavia, é desse modo que procedo, sem figuração. A percussão dos dedos no teclado dá o ritmo dos trópicos para que os ventos soprem arejando os ouvidos ocidentais.

5.2.A salvação de Botafogo

Vamo acordar Chatuba, porque o sol não espera, o tempo não cansa.

Racionais MC's, em show na Chatuba, Mesquita, Baixada Fluminense

E quando os prisioneiros começaram a falar, viu-se que eles tinham uma teoria da prisão, da penalidade, da justiça. Esta espécie de discurso contra o poder, esse contra-discurso expresso pelos prisioneiros, ou por aqueles que são chamados de delinqüentes, é que é fundamental, e não uma teoria sobre a delinqüência

Michel Foucault

Glauber, em um dos programas “Abertura”, entrevista o Brizola, que não é o Leonel, é um morador de Botafogo que trabalha nas ruas. A entrevista é muito movimentada, embora Buru, frente à apatia do entrevistado, balance o corpo do outro e movimente a câmera. Em dado momento da entrevista, ele pergunta a Brizola: – “O que você acha da favela lá de Botafogo?”. E Brizola responde: “Essa favela é a salvação de Botafogo. Se não fosse ela, a gente não teria samba, não teria nada” (apud Mota, 2001, p. 128).

Para Deleuze, a resposta desse Brizola traria o fim da representação e a libertação do indivíduo para verbalizar suas reivindicações. A verdade não é mais trazida pelo partido ou pelo intelectual, isto é, não se produz mais na vanguarda do processo revolucionário:

O intelectual teórico deixou de ser um sujeito, uma consciência representante ou representativa. Aqueles que agem e lutam deixaram de ser representados, seja por um partido ou um sindicato que se arrogaria o direito de ser a consciência deles. Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala ou age. (apud Foucault, 2000, 70)

Brizola, embora intimidado pela câmera e pelo esbravejar de Glauber, identifica seus próprios problemas e localiza o poder e a possibilidade de seu enfrentamento, através da cultura do samba. O momento que Buru vive é o da abertura política do país e o da transformação do paradigma do intelectual. Em algumas passagens da entrevista, ele lembra o poeta de *Terra em Transe*, Paulo Martins, com sua culpa e ambição de resolver as mazelas do mundo. É quando tenta dirigir o entrevistado e impele-o a falar o que ele, Glauber, quer. Como, por exemplo, nessa passagem: “Brizola, eu acho que você não está dando tudo o que você sabe, você se abre comigo e aqui, agora, você...” (apud Mota, 2001, p.128). O conflito glauberiano é declarado e fundamental para a presente reflexão. A ambição revolucionária do intelectual-cineasta Glauber Rocha se choca com as ambições de Brizola, um intelectual-flanelinha.

No final da entrevista, esse conflito entre as duas posturas fica evidenciado. Aliás, o grande barato da entrevista são justamente esses encontros e desencontros que ela possibilita. Cada qual, Glauber de um lado e Brizola de outro, assume o lugar de onde fala. Um final simbólico: “Ok. Entrevista exclusiva com Brizola de Botafogo, que voltará ao programa ‘Abertura’ porque eu acho que o Brizola é

muito melhor do que eu, de forma que nesse momento estou passando o poder ao povo” (*Idem*).

Na conversa entre Deleuze e Foucault, ambos apontam o poder que penetra profundamente e não apenas aquele mais visível, das macro-estruturas.

O que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, embora, haja um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso, esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder. (apud Foucault, 2000, p. 71)

Buru sabe disso, subverte, ao vivo, as prerrogativas dos intelectuais vanguardistas, ironizando seu lugar privilegiado. Propõe uma abertura para a perfuração do mundo em sua epiderme. Busca o profundo azul do mar na verticalidade do movimento de encontro desencontrado com Brizola. Aporta na beira-mar de Brizola e logo está pronto para a próxima viagem, deslocando-se. Retomo a epígrafe desta parte do trabalho. A rua de delinqüentes-flanelinhas cria suas próprias teorias e práticas. A insurreição, mesmo que local, é inventada no contato transversal entre as duas distintas realidades. O real é estirado e se torce com o confronto que se estabelece entre as vozes que falam nos 5 minutos de programa. Para Deleuze, seriam os “revides locais” ao poder que se impõe de forma totalizadora. “Nós não temos que totalizar o que apenas se totaliza do lado do poder e que só poderíamos totalizar restaurando formas representativas de centralismo e de hierarquia” (p. 74).

As glauberianas foram posturas de uma política do risco. O movimento se deu na água ou nos ares, pois a territorialização ocorreu à beira-mar e já teve que se mover de novo para outras praias onde há poder. E:

[...] onde há poder ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (p. 75).

Daí, advém a necessidade de falar, de gritar-berrado se for preciso. Há um perigo iminente que é o do silêncio. Para Said, “o papel do intelectual, de modo geral, é elucidar a disputa, desafiar e derrotar tanto o silêncio imposto quanto o silêncio conformado do poder invisível, em todo lugar e momento em que seja possível” (Said, 2003, p. 35). A periferia grita-berrado compondo ao mesmo

tempo teorias e práticas, como proclama Mano Brown que, assim, irrompe “vulcanicamente” a superfície do silêncio:

... onde tá o poder? Só falta usar o poder... tem que usá... o poder tá aqui... o poder tá aqui no coração, aqui na mente... Eles pode aprisioná os corpo, mas a mente não, nem o coração[...].Aqui, é o seguinte: quem tem dificuldade de sobreviver no dia a dia, se torna cada vez mais forte, porque a maioria deles não guenta sobreviver aqui dentro uma semana, entendeu? Mas, aqui é vários guerreiros... é vários guerreiros, entendeu? É vários guerreiros... que consegue sobreviver sobretudo, sobre a opressão, entendeu? sobre a pressão psicológica... a pressão psicológica, que vocês vive no dia a dia... (Racionais MC's em show na Chatuba, Mesquita, Baixada Fluminense).

5.3.Ventos e Aberturas

O guerreiro popular, de seus lugares de espreita, atacará no momento oportuno.

Che Guevara

Estou pronto para ir em busca de outro porto provisório. É na beira do mar, onde o horizonte está aberto sem fim, que a viagem se inicia e re-inicia. No mar “há peixes que lutam para se salvar / Daqueles que caçam em mar revoltoso / E outros que devoram com gênio assombroso / As vidas que caem na beira do mar”. Sigo, desafiando esses perigos em busca do próximo encontro desencontrado, onde o conflito de histórias e estórias distintas virá novamente. O deslocamento-viagem movimenta a câmera que gesta gestos e manifestos. De preferência, gritados, que façam berrar o silêncio. Segue a canção de Zé Ramalho: “Além, muito além onde quero chegar. / Caindo a noite, me lanço no mundo. / Além do limite do vale profundo / Que sempre começa na beira do mar” (“Táxi Lunar”, música de Zé Ramalho).

Todo mar é um começo do caminhar-nadar-voar. Sou – serei-o – teoria-prática que se constrói, mesmo que se tenham cinco minutos como Buru. A América Latina grita sufocada por valores universais tais como: “o ocidente”, “livre-comércio”, “privatização”, “menos governo”. Quem deseja? Existem, para Deleuze, “investimentos de desejo que modelam o poder e o difundem e que fazem com que o poder exista tanto ao nível do tira quanto do primeiro ministro” (Foucault, 2000, p. 76). Ao nível da arte, especificamente do cinema, Glauber filma o “Câncer”, talvez seu filme mais experimental, em que privilegiou o plano seqüência, ao invés do corte, o improvisado ao invés do roteiro. Assim, alcançou a quase eliminação da montagem e das relações de causa e efeito, para colocar em

xeque a relação de poder que domina o cinema. Estira: “o caminho do cinema são todos os caminhos” (Rocha, 1981, p. 148).

Preparo-me para partir, deixo meu grito-berrado-sussurrado para não silenciar. São cen’átimos à beira-mar, últimos escritos de um viajante em território que, como os terreiros de candomblé, é trêmulo. O solo-terra-sólido é tão movediço quanto as águas que me levam no vôo das palmas que traz a brisa. “Eu concluo com o pensamento de que o lar provisório do intelectual é o domínio de uma arte exigente, resistente e intransigente, dentro da qual não é possível, infelizmente, nem se esconder nem procurar soluções” (Said, 2003, p. 41).

O vento que rola nas palmas arrasta o veleiro. E leva pro meio das águas de Iemanjá. [...] Adeus meu amor eu não vou mais voltar. Foi beira-mar, foi beira-mar quem chamou (Conto de Areia, música de Romildo S. Bastos e Toninho).